



PRESENÇA DA LIJ NO 19º COLE/ALB

O Congresso de Leitura do Brasil, que acontece a cada dois anos desde 1978, apresentou na 19ª edição o tema *leituras sem margens*, na Unicamp – Universidade Estadual de Campinas, de 22 a 25 de julho. O evento é organizado pela ALB (Associação de Leitura do Brasil) e pela Faculdade de Educação (FE) e vem se renovando a cada edição com a participação de professores e bibliotecários de todo país.

O 19º Cole reuniu mais de 2.500 pessoas e contou com diversos acadêmicos de repercussão nacional e internacional, que participaram de uma variada programação composta de feira de livros, conversas com autores, oficinas, exposições, ciclo de cinema, lançamento de livros e outros eventos.

As comemorações dos 30 anos da criação da ALB foram estendidas durante o evento, com o lançamento do Catálogo *Tempo de Cole*, que traz uma cronologia de afetos, imagens e palavras das 19 edições dos Coles e pode ser adquirido na Livraria da ALB, pelo site <http://alb.com.br/livraria>.

Para a Associação de Leitura do Brasil, o 19º Cole foi dimensionado como um presente aos seus associados, que somam hoje um pouco mais de 300 membros e têm acesso gratuito ao congresso.

Segundo o professor Antonio Carlos Amorim, então presidente da ALB, o congresso recebeu 2.300 inscrições, sendo a metade para participações como ouvintes, e várias se deram por meio de secretarias de educação, escolas e demais coletivos, com valores comparativamente bem reduzidos. *Mantemos o caráter do Congresso de ser um espaço-tempo de vivência e compartilhamento de conhecimentos acadêmicos e de outras naturezas*, completou Antonio Carlos.

Como parceira do Cole e da ALB desde o seu início, a FNLIJ foi responsável pela mesa-redonda sobre LIJ intitulada *Qual o lugar da fantasia na Literatura Infantil e juvenil, hoje?*, no dia 23. O premiado Roger Mello e Silvia Castrillón, da Associação Colombiana de Leitura foram convidados das duas instituições para compor a mesa, com mediação de Elizabeth Serra. O público lotou o Auditório II e os corredores centrais e laterais do Centro de Convenções Unicamp. Ao final, foi projetado o vídeo com Roger Mello falando sobre os dez livros indicados pela FNLIJ para sua candidatura ao prêmio Hans Christian Andersen do IBBY. A ALB recebeu da Fundação as brochuras com os livros premiados durante os 40 anos do Prêmio FNLIJ, que foram distribuídas a todos os participantes.

O Manifesto do Movimento por um Brasil Literário também foi entregue ao público do Cole, que pode assistir a sessão especial *Perspectivas da Leitura no Brasil*, no dia 22 organizada pelo MBL. Elizabeth Serra, membro do Conselho Deliberativo do MBL exercendo sua presidência, falou sobre o trabalho com a leitura e literatura no Brasil. Em seguida, descreveu o surgimento do Movimento e a atividade realizada até hoje, que tem a leitura do texto literário como foco de ação. Ao final, Elizabeth convidou os participantes a fazerem a leitura do Manifesto, encerrando com um vídeo gravado na FNLIJ em que Bartolomeu Campos de Queirós comenta o documento, emocionando a todos.

A escritora Marina Colasanti apresentou no dia 24 a palestra *O navio fantasma atraca na terceira margem do rio*, encerrando o ciclo de conferências com o Ginásio Multidisciplinar da Unicamp lotado e ao final autografou seus livros por quase duas horas.

Marina falou sobre os quase 50 anos de carreira e os 50 livros publicados. *Eu tentei enfatizar o modo como os diferentes gêneros com os quais trabalho dialogam entre si, formando de um todo*, declarou a escritora.

Mais uma vez, Marina gentilmente cedeu o texto de sua palestra que reproduzimos neste *Notícias*.



O navio fantasma atracou na terceira margem do rio

POR MARINA COLASANTI

E o navio fantasma atracou na terceira margem do rio. Poderia ser um título criado para encaixar-se com precisão no tema desse 19º Cole, *leituras sem margens*. Mas, na verdade, é um conto. Porque o pedido que recebi da organização foi que falasse do meu trabalho, escolhi para nomear esta conversa o miniconto que encerra meu livro mais recente, *Hora de alimentar serpentes*.

Seis palavras bastam para costurar um conto fora das margens. Com tão pouco, nos remete a cargas culturais, fala de mistério, diz da consistência do impalpável, e encerra uma viagem no imaginário. Um conto que sintetizando todo o conteúdo do livro o leva ao seu fim, e que, justamente, se intitula *Porto*.

E para que minhas intenções nesse livro ficassem claras já na abertura, o prólogo é, ele também, um conto de poucas palavras: *Enfiou a serpente na agulha. E começou a costurar*.

Desde o início, preferi a serpente a qualquer outro fio. Serpente, não pelo veneno mas pelo risco, serpente não pelo medo mas pela sedução, serpente porque coleante, viva, e inesperada.

Escrever dentro dos limites rígidos impostos pelas molduras estilísticas nunca foi o meu forte.

Meu primeiro livro, publicado em 1968 - depois de ter estado cinco anos à espera de um editor - foi recebido como um livro de crônicas. Não era. Embora atuando naquela época como cronista do *Jornal do Brasil*, em momento algum quis duplicar em casa aquilo que fazia na redação. Meu desejo buscava outros caminhos que, entretanto, não sabia nomear.

Em busca desses caminhos, e sem saber que estabelecia um padrão para o futuro, criei uma estrutura e comecei a escrever para atendê-la. Já não sei, passados tantos anos, como essa estrutura nasceu, mas era ousada, embora eu não me desse conta disso. E ousado era o tema, para uma jovem principiante.

Soube logo que não desejava escrever um romance - como não o desejei até hoje - nem exatamente contar uma história. Ou talvez quisesse contá-la, mas de outro modo, não linear, não óbvio, já que o linear e o quase óbvio eram meu prato cotidiano na redação. O tema que escolhi foi a Solidão, com o qual tinha alguma intimidade.

Minha intenção era mostrar como a solidão pode acompanhar uma vida desde o início, e sempre estar presente. A vida, pensava eu ao estabelecer a arquitetura que sustentaria o meu texto, é um fenômeno individual que em sua essência nos mantém sós, mesmo quando acompanhados.

Para dizê-lo usei minha própria vida, não com intenção autobiográfica, mas porque era o modelo que tinha. E trabalhei com alternância. Os capítulos pares do livro são flashes do presente. Os ímpares são relativos ao passado e avançam cronologicamente, começando na África, onde nasci.

Lembro com clareza que eu queria alcançar um efeito similar ao que se usava então nas boates - onde, diga-se de passagem, eu ia muito -, aquele cintilar em movimento provocado pela bola de espelhos girando no teto.

Com o título *Eu sozinha*, o livro, considerado de crônicas, teve até boa recepção. Ninguém percebeu estrutura alguma! Mas eu tinha posto o pé no caminho.

O curioso é que essa necessidade de estrutura, esse limite imposto, parece em desacordo com o conteúdo fortemente emocional do primeiro livro, e mais ainda com o imaginário desembestado com que trabalharia dali para a frente. Na verdade, eu a utilizava como uma proteção, como o guarda-mancebo que diminui o risco do marinheiro ao movimentar-se pelo convés em plena tempestade. Sentia a necessidade de algo em que me segurar, para não entornar as palavras, para manter o domínio sobre o que estava escrevendo.

Publiquei em seguida um livro de crônicas, *Nada na manga*. As crônicas fogem a essa nossa conversa de sussurros e terceiras margens porque, ligadas à imprensa, têm sempre um pé, quando não os dois, no cotidiano, no real. Gosto muito de escrevê-las, mas hoje passo batida por elas.

E então descobri os minicontos. Meu inconsciente começava a falar comigo em voz clara.

Sem mais nem menos, me disse: *uma mulher tinha uma passarinho na cabeça. Queixava-se. O passarinho batia asas, a cabeça doía. Ninguém lhe deu atenção. Parou até de se queixar. Gemia, conversava com o passarinho que a habitava. Morreu sufocada, o nariz entupido de alpiste*.

E eu não tinha idéia do que fazer com isso.

Está certo, era ignorância da minha parte, mas naqueles idos em que nem se falava em minicontos justificava-se.

Quase constringida com aquelas poucas linhas que me pareciam não servir para nada, mas me intrigavam, fui mostrar minha perplexidade a meu marido, certa de que ele, professor de literatura, saberia me orientar. É um conto!, disse Affonso eufórico. E me entusiasmou a escrever mais, a pensar em um livro. Do entusiasmo dele e do meu resultou *Zooológico*.

Como uma mancha de óleo

Dessa vez, a minha estrutura de apoio havia sido o tema. Um tema com ampla possibilidade de expansão, que utilizava o animal para falar do humano, da metamorfose, do tempo. E que me permitia ironias. Ironias até mesmo com a tradição literária, pois naquele tempo em que ainda se exigia de um conto que tivesse princípio, meio, e fim, fiz um, *História com princípio, meio e fim*, o outro, *História só com princípio e fim*, ambos derrisórios.

Sem nada saber de intertextualidade, já nesse livro incluí elementos oriundos de outras leituras.

Eu descobria meu bem querer pela economia verbal, e o encantamento com aquele tipo de absurdo que só é absurdo na aparência, pois remete a sentimentos e vivências profundamente reais.

Helio Pellegrino, psicanalista e homem de grande sensibilidade, autor da apresentação do livro, percebeu isso tudo sem que eu lhe dissesse. *O surrealismo, domado, se rende à estrutura, escreveu. O insólito irrompe, e nos assombra, no grave espaço aberto pelo exato – e enxuto- discurso de...etc..etc..*. Por coincidência – mas haverá coincidências? - Helio termina dizendo : *livro... (adjetivos). Na terceira margem do rio.*

É minha margem favorita.

Diz Bachelard que o valor de uma imagem se mede pela extensão da sua auréola imaginária. Sempre me interessei mais pela auréola do que pela imagem. Ou melhor, sempre me interessei mais por aquelas imagens que apresentam possibilidade de auréola. E as observo e as questiono, deixando que sua auréola se expanda como uma mancha de óleo, até tornar-se mais importante que a imagem. É então, que ela me conta uma história.

Três anos depois de *Zoológico*, publiquei *A morada do ser*.

Eu trabalhava naquele tempo em publicidade, e a minha conta mais importante era imobiliária. Durante oito anos vivi mergulhada em plantas, lançamentos, pontos de venda, metragens. O mercado imobiliário era a minha morada. E podia ser sufocante. A necessidade de abater paredes de concreto que estavam se tornando opressivas, aliada ao conhecimento que tinha delas, ditou o tema.

Agora, entretanto, eu não precisava mais de guarda mancebo, havia aprendido a andar solta no convés. Tema e estruturas ganhavam outra finalidade.

A intenção do primeiro livro, de traçar um discurso complexo através de textos breves, tornava-se mais determinada e mais clara. Considerando a extrema brevidade dos minicontos, havia-se tornado evidente para mim que não os queria apenas como pequenos fragmentos intelectuais, um punhado de moscas, mesmo que interessantes, com que o leitor ficaria ao fim do livro. O que eu queria era usar os mini textos para construir um painel mais amplo, exatamente como os fragmentos de um mosaico. Ao terminar o livro, o leitor teria atravessado, ainda que sem dar-se conta, uma reflexão sobre o tema, um ensaio.

Mas um ensaio exigiria estruturas mais complexas, fundações, colunas, vigas de sustentação, como os prédios, justamente. E precisão. Comecei a ler algo de história, e coisas relativas a moradia, simbólicas e antropológicas, a re-frequentar o que havia

apreendido em meus próprios anos de análise.

Tudo isso parece muito distante da terceira margem, dos universos etéreos que nos interessam aqui. Mas localizar a terceira margem só é possível quando se conhecem as outras duas. E eu precisava demarcar o espaço, para poder abrir as velas.

Feitas as leituras necessárias, organizei um modo de trabalho singular. Desenhei numa prancheta um mapa imobiliário, como aqueles com que estava familiarizada na agência. Um mapa imobiliário, para quem não sabe, é o desenho de um retângulo dividido em tantos andares quantos são os do prédio em questão, cada andar dividido em tantos quadrados quantos são os apartamentos que se pretende vender. E o agente imobiliário vai espetando tachinhas verdes ou vermelhas indicando a situação da venda, se em andamento, ou fechada.

Estabeleci para o meu prédio/livro nove andares e três coberturas. Em cada andar, sete apartamentos. E entre cada andar, uma área coletiva, portaria, elevador, play, etc... Coloquei o quarto de empregada como área coletiva, indicando que não fazia parte do núcleo familiar.

E passei a preencher os quadrados.

Não com contos, ainda. Eu apenas anotava no quadrado o fator preponderante que deveria habitá-lo. Lembro que à noite, quando a casa alheia iluminada se torna mais visível, eu ficava do alto da minha cobertura olhando os prédios e tentando penetrá-los. As luzes azuis correspondiam à televisão ligada. E eu anotava, aqui e acolá, TV. E havia sala acesa e vazia. E eu anotava, solidão. Gente na cozinha, e eu, fome. A minha prancheta foi ficando habitada.

Chegou o ponto em que me vi livre para enlouquecer, e escrever os contos correspondentes às anotações. Fiz um desfile de sete de setembro atravessar um apartamento, com os cavalos deixando seu rastro de bosta fumegante. Fiz uma obra no piso de um banheiro desencavar o crânio de um pitecantropo. Fiz sofás e poltronas se sentarem no colo dos seus proprietários, para assistirem TV. Fiz o deserto se infiltrar por baixo de uma porta, e a infiltração gerar uma ilha no andar inferior. Mas por baixo disso, falei da casa como continuidade do corpo, abrigo e útero, necessidade primeira. E falei da perda de privacidade, da distância entre quem dorme lado a lado, dos rituais domésticos e da sua ausência, da vida.

O livro teve dois sumários, um no começo e outro no fim. Do primeiro, desenhado como o mapa, só constavam os números dos apartamentos, que eram também os títulos de cada conto. Eu queria que o leitor se movesse às cegas, como em um edifício de que não se conhecem os moradores. Por isso também exigi que as páginas não fossem numeradas, detalhe que enlouqueceu o primeiro editor e foi eliminado pelo segundo. No segundo sumário, ao final do livro, quando o leitor já conhecia todos os habitantes, havia títulos em lugar de números.

Para o seguinte livro de minicontos, que escrevi oito anos mais tarde, depois de vários outros livros, e cujo tema era o amor, fiz tanta pesquisa para montar a estrutura que, antes dos contos, acabei escrevendo um ensaio.

Além dos sentidos

O que é abstrato, e o que é concreto? Desde Kant, nos acostumamos a acreditar que concreto é aquilo que se percebe com os sentidos. Mas as capacidades sensoriais humanas se alteraram ao longo dos séculos e da evolução, e mesmo hoje apresentam grandes variações individuais. Uma pessoa ruiva, por exemplo, é segundo a ciência muito mais sensível à dor física que os outros mortais. Cegos conseguem distinguir cores pelo tato. E as mulheres costumam ter mais papilas gustativas - responsáveis pela percepção dos sabores - do que os homens.

Os sentidos dependem de células específicas nas quais receptores reagem a determinados estímulos, enviando-os ao cérebro. Sabedores de que o cérebro humano não é sempre igual, nem reage sempre do mesmo modo, como podemos fazer dos sentidos medida exata para a realidade?

A realidade sonora do cão, que tem capacidade auditiva muito superior à humana, é então mais real que a nossa?

Há alguns anos escrevi em um ensaio, que o que me interessa é a realidade expandida. De um objeto, não considero real somente seu corpo físico, aquele que posso palpar, ver ou até cheirar. Igualmente reais são para mim o seu entorno, a sombra que ele projeta, a sua procedência, o material de que é feito e a maneira com que foi feito, o uso a que se destina e o uso que podemos lhe dar, suas origens e seu destino. Nada disso é palpável, embora seja a latência vital daquele objeto. O sentido que nos aproxima dessa multiplicidade de elementos é um sexto sentido formado pela soma dos outros cinco, aliado à experiência, à curiosidade, àquele tanto de doação de si que é indispensável para ir ao encontro do outro. Para simplificar o chamamos *sensibilidade*. E o que a sensibilidade nos revela pode ser, muitas vezes, mais real do que aquilo que a realidade nos apresenta.

Talvez fosse algo semelhante a isso, que Bachelard tinha em mente ao falar de auréola imaginária.

Sem abracadabra

Foi nesse ponto do meu percurso autoral que dei de cara com os contos maravilhosos. Ou talvez seja mais justo dizer que os contos maravilhosos me saltaram em cima.

Eu poderia usar a expressão contos de fadas, mas não quero enganar ninguém. Em mais de 100 desses contos que escrevi até agora, aparece uma única fada, que nem fada é, mas feiticeira. Fiquemos, então, com *maravilhosos*.

Como toda menina, e ainda mais menina européia, recebi os contos clássicos junto com papinhas e mamadeiras. Adiante, foram meus primeiros livros. Mas embora na infância tivesse versificado *A princesa ervilha*, nunca desejei ou sequer imaginei escrevê-los. Pareciam-me pertencer a outro universo. E se entraram na esfera dos meus desejos, onde se estabeleceriam para sempre, foi por puro acaso.

Começo de abril de 73, a ditadura comendo solta. Ana Arruda - que viria a ser Callado -, editora do Caderno I (infantil) do Jornal do Brasil, é presa. Sei a data precisa porque no dia 15

escrevi uma crônica emocionada que para passar na censura resultou tão metafórica, a ponto de ninguém entender de que falava. Alberto Dines, editor do jornal, me pede para substituir Ana na editoria do Caderno I. Por razões éticas, e porque não tenho idéia de como lidar com essa área, decido deixar tudo como está, tocando apenas o barco para a frente. E, tocando, chega o dia em que tenho um *buraco*, ou seja, um espaço sem matéria correspondente, que terá que ser resolvido até o dia seguinte.

Tento pensar como uma professora primária e decido que dar algum trabalho para os pequenos leitores será ótimo. Já em casa, escolho reescrever um conto clássico trocando a ordem, para que as crianças o re-arrumem. A ilustração, eu mesma farei. E porque estou contente de ter achado a solução, sento de alma leve diante da minha Olivetti 22 e começo a reescrever *A bela adormecida*.

É aí que sou fisgada. Pois ao terminar de escrever, percebo ter gerado outro conto. Pensando continuar sentada no meu escritório, eu havia me transferido para aquele universo ao qual nunca havia imaginado pertencer. E a maravilha é tanta, que não querei mais abandoná-lo. O conto ganha o título de *7 anos e mais 7*. Assim tem origem o livro *Uma idéia toda azul*.

Para levá-lo adiante, porém, teria que superar num obstáculo consistente: eu não sabia como havia entrado, nem como voltaria àquele universo. Havia caído dentro dele por acaso, distraída, como uma Alice na toca do coelho, e quando depois, cheia de entusiasmo e com a consciência alerta, tentava escrever algo do mesmo gênero, obtinha apenas mesmices, pastiches dos contos tradicionais, estereótipos.

Não havia palavra mágica, nenhum abracadabra. Eu me sentia travada.

Depois de várias tentativas infrutíferas, conclui que se a distração havia sido a chave de abertura, e se distração equivale a ausência de super ego, precisaria aprender a dar férias, ainda que momentâneas, a esse senhor. Teria que descobrir o modo de criar um espaço de vazio, uma espécie de *tokonoma* interior em que me refugiar, surdo aos ruídos e convocações do cotidiano, acolhedor apenas para chamamentos mais fundos. Enfim, um aprendizado difícil para quem não é zen, nem tem alma oriental.

Havia outras inquietações no caminho. Ninguém, que eu soubesse, escrevia naquele tempo contos ditos de fadas. Pelo contrário, passávamos por um período de execração do gênero, considerado alienante e excessivamente violento. E eu estava, além do mais, buscando uma linguagem completamente diferente da oralidade - ou da imitação linear da oralidade - que havia sido até então norma do gênero, e que era considerada a mais adequada para crianças.

Hoje, passados tantos anos, eu diria que meu processo para chegar a esses contos é de alguma maneira - distante, é claro, e nada científica - semelhante à sinestesia. Na sinestesia, o estímulo de um sentido desperta a sensação de outro sentido: a visualização de uma escultura é percebida como um cheiro, ou um cheiro traz a percepção de uma cor. Ou seja, um estímulo funciona como disparador de outro. Foi mais ou menos o que aconteceu

ao escrever o primeiro conto, quando o sono fantástico do conto original serviu para estimular meu inconsciente, levando-o a produzir outra narrativa em que o sono deixa de ser uma ausência, para tornar-se ativo.

Assim, meus contos maravilhosos me surpreendem como se não fossem meus, como se eu os recebesse de alguém, tocando-me apenas dar-lhes forma. Sei perfeitamente que não é isso, já que não trabalho com espiritismo. Eu apenas me debruço sobre uma frase, um fato, um quadro, abaixo as minhas defesas, e deixo aquela frase, aquele fato, aquele quadro se expandir, superar as fronteiras dos cinco sentidos. A razão está ausente. Eu, à espera. E se alguma história começa a surgir, a acompanho com passos felpudos, cuidando de mantê-la protegida para que vá adiante, seguindo o caminho que é seu e que eu desconheço. Às vezes vamos juntas até o fim. Outras vezes a história se parte como um fio, e se nega a proceder. Talvez eu não estivesse pronta para ela. Voltará adiante, ou a perderei para sempre. Impossível saber.

Escrever contos maravilhosos é, para mim, navegar em rio de uma única margem, a terceira. E navegar sem leme, na correnteza. Sem propósitos, sem planejamento, sem querer demonstrar coisa alguma, esquecendo a ironia. É querer, muito, ouvir novas histórias na cabeça. E contá-las.

Um único dos meus livros foge, ainda que parcialmente, a essa norma. Ao escrever *23 histórias de um viajante*, em que um viajante muito especial conta 23 histórias a um monarca e a seus cavaleiros, tive um propósito. Quis utilizar o esquema de *contos em moldura* - um conto central contendo todos os outros - que nasce junto com o primeiro livro de contos maravilhosos, o *Panchatantra*, e é retomado em *As mil e uma noites*. E o quis não só como homenagem, mas para afirmar o meu pertencimento a essa antiga grei de contadores.

Aproveito para fazer um esclarecimento. É comum dizerem que eu recrio os contos tradicionais. Minha sensação não é de recriação, é de retomada. Um mote me foi legado, e como um estafeta quero levá-lo adiante, criando novas histórias em harmonia com o todo, e em concordância com o meu próprio tempo.

Não tenho nem a doce voz do povo, nem a sua sabedoria ancestral. Modestamente urbana e moderna, procuro minha voz no farfalhar das plantas, no misterioso respirar das conchas, nas buzinas, nas sirenes. E cuido de não dar conselhos.

Uma batida na porta

Eu já havia publicado 25 livros, quando atendi uma batida na porta. Era a poesia.

Que chegada estarrecedora! Pois se ao longo da vida eu havia ensaiado meu estro poético interiormente, lendo poetas tão diferentes e até casando com um deles, nunca havia me dado conta do processo. Frequentava a poesia alheia com reverência, considerando-a muito acima de mim, fora do meu alcance. Não rabisquei versos sequer no tempo dos primeiros amores. Na infância, alguma coisa pouca, mas como fazem as crianças, por puro encantamento verbal². E eis que, de repente, ela vinha me exigir.

Tive medo, isso sim, porque eu já estava com a cara feita, e quebrá-la não teria sido nada agradável. Mas não precisei de muita hesitação, pois minha poesia começou logo com a voz que tão secretamente havia germinado, e que eu iria apenas aprimorar, ou me iludir de estar aprimorando, dali para a frente.

O que me atrai para o verso não é a estátua equestre no pedestal da praça, não são as coisas grandiosas. É o gambá morto no degrau do jardim, o inaudível raspar de mínimas unhas no coração da madeira, o momento exato em que a folha se solta do galho ou a palavra se desprende da boca. Os espaços grandiosos me supe-ram. Eu os procuro no pequeno.

Como escrevi em *Fino Sangue, Gosto de poema/que fala de ovo frito/latido de cão/ e cheiro de queimado./Poema que com pequenos cortes/vara as coisas pequenas/fura a casca/o odre/ rasga a placenta/e deixa gotejar/o fino/sangue*.

Curiosamente, meu processo criativo na poesia é oposto ao dos contos maravilhosos. Pois naqueles a história acontece sem qualquer contributo da razão, enquanto a linguagem respira debaixo do meu absoluto controle. E no poema há um intuito claro, algo que quero dizer, um toque de vista a expressar, mas a linguagem tem ditado próprio, foge da minha mão, escapa, se mete por frestas insuspeitadas, procura um caminho outro com o qual eu não havia contado, e muitas vezes sou obrigada a chamá-la- ou a chamar-me- à ordem, para não perder-me do tema. É como se nos dois processos houvesse uma inversão de domínios.

Tenho feito também poesia para crianças. Ao contrário do que o tom eventualmente jocoso pode levar a crer, é trabalho de muito empenho. E é absorvente. Enquanto trato de um livro de poesia infantil, - nunca menos de dois anos - a poesia adulta fica estacionada à espera num canto do pátio de manobras. Mas, além do prazer que me dá, estou pagando uma dívida importante, tentando fazer pelas crianças aquilo que poetas maravilhosos fizeram por mim na minha infância: apresentar a poesia.

O olhar que escreve

Eu poderia seguir falando de escrita, porque é minha paixão e porque embora estejamos juntas há mais de 50 anos, ainda me leva para o desconhecido, e me surpreende, e me obriga a buscar o novo. Mas quero parar um instante sobre um outro ponto.

Sou minha própria ilustradora. E assim como a minha poesia é cheia de referências a quadros e pintores do meu bem querer, e como mais de um dos meus contos foi motivado por um quadro, assim também minhas ilustrações são cheias de citações de arte: uma personagem de Caravaggio, o detalhe de uma cidade medieval sobre a qual meu avô escreveu um livro, trajas inspirados em Bruegel, colunatas ou escadarias saídas dos livros de história da arte.

A escrita não é feita só de palavras. E a minha se aproveita do meu olhar de pintora.

Não é da mão, que quero falar, mas da ação do olhar.

O olhar não é absoluto e único, o mesmo para qualquer pessoa. Vemos de uma maneira global, é certo, mas cada olhar seleciona,

do todo que vê, aquilo que mais lhe interessa, e é isso que armazena no cérebro. Me atrevo a dizer que o olhar é o mais individual dos cinco sentidos.

O olhar de um artista plástico, e foi essa a minha formação – pintura durante muitos anos, depois gravura em metal -, desenha interiormente. Avalia os volumes, seleciona os elementos para melhor organizar a composição, não descuida do fundo e, como um atirador que “dorme” na mira para não errar, se demora sobre luz e sombra.

Observadora da história que pretendo contar ou do momento que motivou o poema, presente na cena fantasmática, eu a desenho por trás dos olhos antes de escolher as palavras que, como nanquim, a traçarão no papel. A desenho primeiro como desenhista, decalcando-a depois, como escritora.

Italiana alimentada com a doce narrativa pictórica do século XV e a exuberância da Renascença, ainda assim preferiria escrever com o olhar econômico e preciso dos pintores japoneses. Poucos traços de tinta, e um feixe de bambus. Uma mancha diluída, e uma ave em voo. Difícil, quase impossível para quem não é zen, nem tem uma alma oriental. Mas esplêndido como meta.

Notas

¹“La principessa pisello”. *Era una notte di gran tempesta/ma la regina era ancor desta/ pensava al figlio che sposar vuole/una ragazza di regal prole/ Ecco che a un tratto udí bussare/ ed una você senti gridare./“Aprite aprite per carità/mi bagno tutta se resto quà!/Son principessa di sangue reale/fatemi entrare mi sento male!”/Aprí La porta la vecchia regina/e lesta entr`o la principessina/la regina La fece riposare /e poco dopo le diede da mangiare./Poi in un letto di noce sei materassi mise/ e sotto ad essi nun pisello nascose/ quando a letto la fecero andare/ la principessa non poteasi addormentare/che in quel morbo letto avea una spina/e faceva soffrire la sua pelle si fina./Al dí seguente appena fu mattina/con gentilezza disse alla regina/ questa notte non potei dormire/ che qualcosa nel letto mi facea soffrire./Veramente tu sei principessina/disse in quel mentre la vecchia regina/un pisello nascosi nel tuo letto/e dissi tutto al mio figlioletto.S` e principessa lo dovrà sentire/s` e principessa ne dovrà soffrire./Questo disse la furba regina,/ed uní il príncipe e la principessina*

²“Lungarno” - *Lungarno un pescator solo soletto/avea pescato argênteo un pescioletto/ei lo poneva dentro un bianco cesto/ rimirando la preda pel suo desco/egli era un fiorentino,/ma proprio un contadino/il pesce mai mangiava/apposta rimirava/la preda dentro al cesto/per il suo bianco desco.*

Livros de Marina Colasanti no Prêmio FNLIJ

Desde 1980 a obra de Marina Colasanti frequenta a lista Altamente Recomendável FNLIJ e a dos contemplados pelo Prêmio FNLIJ. A primeira premiação aconteceu logo no seu livro de estreia na literatura infantil juvenil, *Uma Ideia toda Azul*, da editora Ática, em 1980.

Abaixo listamos os títulos premiados:

PRÊMIOS FNLIJ

Uma Ideia toda Azul, Nórdica (atualmente pela Global) – Categoria Jovem, 1980.

Entre a espada e a rosa, Salamandra (atualmente pela Melhoramentos) – Categoria Jovem, 1993.

Ana Z, aonde vai você?, Ática – Categoria Jovem, 1994.

Penélope manda lembranças, Ática – Categoria Jovem Hors Concours, 2002.

A casa das palavras e outras crônicas, Ática – Categoria Jovem Hors Concours, 2003.

Minha Ilha Maravilha, Ática – Categoria Poesia Hors Concours, 2008.

Com certeza tenho amor, Global – Categoria Jovem Hors Concours, 2010.

Breve história de um pequeno amor, FTD – Categoria Criança Hors Concours, 2014.

ALTAMENTE RECOMENDÁVEL FNLIJ

Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento, Nórdica (atualmente pela Global) – Categoria Jovem, 1982.

O menino que achou uma estrela, Melhoramentos (atualmente pela Global) – Categoria Criança, 1988.

Ofélia a ovelha, Melhoramentos (atualmente pela Global) – Categoria Criança, 1989.

Longe Como Meu Querer, Ática – Categoria Jovem, 1997.

A moça tecelã, Global – Categoria Criança, 2005.

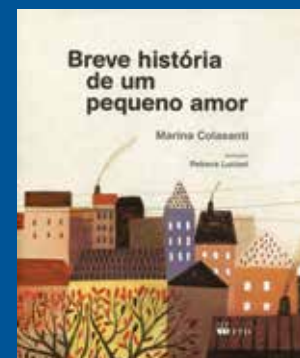
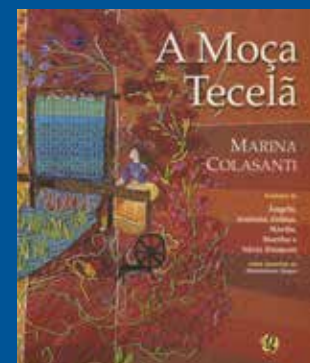
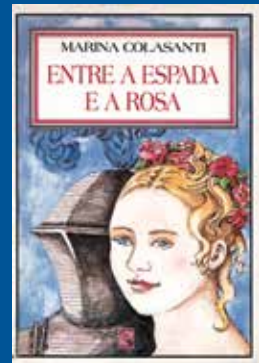
Do seu coração partido, Global – Categoria Jovem, 2010.

Antes de virar gigante e outras histórias, Ática – Categoria Jovem, 2011.

Classificados e nem tanto, Record – Categoria Poesia, 2011.

O nome da manhã, Global – Categoria Poesia, 2013.

Como se fizesse um cavalo, Pulo do Gato – Categoria Teórico, 2013.



A LIJ no *Seminário Brasil, brasis* da ABL



Fotos: Guilherme Gonçalves/ABL

Graça Ramos, Ana Maria Machado, Domício Proença Filho e Elizabeth Serra.

O ciclo *Seminário Brasil, brasis* apresentado na Academia Brasileira de Letras com coordenação do Acadêmico Domício Proença Filho, teve em sua programação o tema *A literatura infantil e juvenil na atualidade*, dia 28 de agosto, no Teatro R. Magalhães Jr., da ABL.

A Acadêmica e escritora Ana Maria Machado, a Secretária-geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Elizabeth Serra, e a artista plástica, autora e ilustradora Graça Ramos, autora do blog *A pequena leitora* do O Globo, participaram do debate, com mediação do Acadêmico Domício Proença Filho.

Ana Maria Machado abriu o seminário propondo uma reflexão maior sobre o livro infantil e juvenil, tentando desfazer algumas impressões sobre o tema. *Perguntas como 'Por que as crianças não leem nunca, a tv e as novas tecnologias não deixam ler', e uma série de questões que não correspondem exatamente com a verdade, na medida em que as crianças e os jovens nunca leram tanto no Brasil como hoje em dia*, declarou ela. Para situar o momento atual, Ana Maria fez uma rápida introdução da história da LIJ no Brasil.

Graça Ramos falou sobre a produção de livros hoje e arriscou uma previsão do mercado editorial no futuro. Para ela, o livro impresso terá que sofrer uma evolução maior, uma vez que o texto e as ilustrações não serão suficientes para atrair os pequenos leitores. *Acredito que o livro infantil é o grande campo de*

experimentação da literatura no Brasil, disse. Graça falou também sobre a ilustração brasileira, elogiando a produção nacional, mas reforçando que ainda precisamos de muito estudo e trabalho na área para acompanhar a tradição e qualidade do texto brasileiro.

Elizabeth Serra lembrou os primeiros projetos de incentivo à leitura, que tiveram início com o *Ciranda de Livros*, em 1982, de iniciativa privada, passando pelos programas do governo nas décadas seguintes, como o PROLER e o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, que em 1998 contou com a seleção de livros feita pela FNLIJ. Elizabeth ressaltou os avanços dos últimos 15 anos e a importância da participação da sociedade civil para mobilizar os governos na ação de formar projetos em direção da literatura como direito de todas as crianças e jovens.

Ao final, Ana Maria Machado dirigiu às duas palestrantes perguntas provocativas: para Graça, se os livros de sucesso para o adolescente são feitos para domesticá-los, sem discutir ética, nem estimular reflexão. Para Elizabeth, Ana Maria perguntou se, nas compras governamentais de livros, existem imposições politicamente corretas que começam a atingir um pouco a própria maneira como as editoras selecionam os seus catálogos.

Para assistir todo o seminário *A literatura infantil e juvenil na atualidade*, entre no canal da Academia Brasileira de Letras do Youtube: www.youtube.com/watch?v=TcAdOFZwx4g.



Domício Proença Filho e Elizabeth Serra.



Graça Ramos e Ana Maria Machado.

Literatura Infantil no Jornal das Letras

A Literatura infantil tem seu espaço garantido no Jornal das Letras, publicação dedicada à literatura, em página assinada pela editora e pedagoga Anna Maria de Oliveira Rennhack. A página *Literatura Infantil* comemorou 15 anos de conversas, trocas de experiências, apresentação de livros e autores em junho deste ano.

Convidada pelo editor do Jornal das Letras, o acadêmico Arnaldo Niskier, Anna Maria ampliou sua experiência na LIJ com as várias idas à Feira de Bolonha e a proximidade constante com a FNLIJ. “Nossa página recebe os lançamentos de várias editoras e autores e também procura as belas obras que hoje têm lugar de destaque nas livrarias”, destacou a editora.

A FNLIJ parabeniza o Jornal das Letras, Arnaldo Niskier e Anna Maria de Oliveira Rennhack pelos 15 anos de dedicação e comprometimento com a LIJ.

O Jornal das Letras é uma publicação mensal que circula em todo país por meio de assinaturas e é distribuído em bancas de jornais no Rio de Janeiro e São Paulo. Maiores informações no site www.jornaldeletras.com.br.



Prêmios Literários 2014

Academia Brasileira de Letras

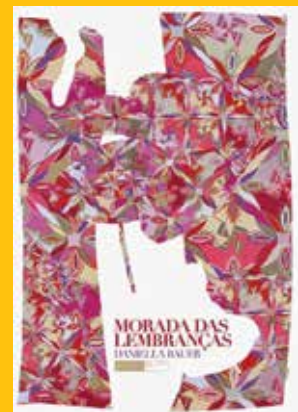
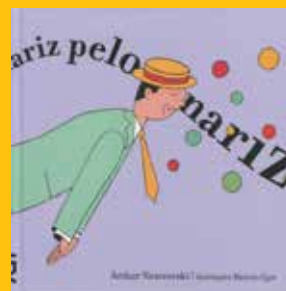
Os Prêmios Literários de 2014 da Academia Brasileira de Letras foram entregues durante as comemorações dos 117 anos da fundação da entidade, no dia 17 de julho, em solenidade no Salão Nobre do Petit Trianon.

As vencedoras do Prêmio ABL de Literatura Infantojuvenil foram: Tatiana Salem Levy, por *Tanto mar*, da editora Record; e Mirna Pinsky, por *Um menino, sua amiga, um fichário e dois preás*, da editora FTD.

Fundação Biblioteca Nacional

O Prêmio de Literatura da Fundação Biblioteca Nacional teve seus vencedores divulgados no dia 2 de setembro.

O escritor Arthur Rosenblat Nestrovski levou o Prêmio Sylvia Orthof, na categoria literatura infantil com a obra *Pelo Nariz*, da Editora Cosac Naify; e Daniella Bauer recebeu o Prêmio Glória Pondé, de literatura juvenil, por *Morada das Lembranças*, da Editora Biruta.



Lembrança de João Ubaldo Ribeiro 1941-2014

Um dos maiores escritores brasileiros, João Ubaldo Ribeiro, nos deixou no dia 18 de julho de 2014, aos 73 anos. Vítima de uma embolia pulmonar, o escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, produziu uma obra extensa, que teve como principais títulos *Sargento Getúlio* de 1971, *Viva o povo brasileiro* de 1984, *O sorriso do lagarto* de 1989 e *A casa dos budas ditosos*, de 1999, todos da Editora Objetiva.

João Ubaldo também marcou a literatura infantil e juvenil com o livro *Vida e Paixão de*

Pandonar, o Cruel, da editora Objetiva, que recebeu o selo *Altamente Recomendável* da FNLIJ em 1983 e foi um dos títulos selecionados para o projeto *Ciranda de Livros*, desenvolvido pela FNLIJ em parceria com a Fundação Roberto Marinho e a Hoechst do Brasil na década de 80.

Nascido em Itaparica, Bahia, João Ubaldo começou a sua formação literária ainda estudante. Embora formado em Direito, ele não chegou a seguir carreira e atuou como jornalista no Jornal da Bahia

e Tribuna da Bahia, foi colunista do jornal Frankfurter Rundschau, na Alemanha e colaborador de diversos jornais e revistas no país e no exterior como o The Times Literary Supplement (Inglaterra), O Jornal (Portugal), Jornal de Letras (Portugal), Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo, A Tarde e muitos outros.

O primeiro livro de sucesso do autor foi escrito em 1971, *Sargento Getúlio*, considerado um marco do moderno romance brasileiro.

O escritor recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais, dentre eles dois prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1972 e 1984, Prêmio Anna Seghers, (Alemanha), em 1996, Prêmio Die Blaue Brillenschlange (Suíça) e o Prêmio Camões, em 2008. Eleito em 1993 para a Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo ocupava a cadeira 34.

Para conhecermos mais um pouco de João Ubaldo Ribeiro, reproduzimos aqui texto da escritora Ana Maria Machado, publicado no jornal O Globo, logo após seu falecimento.



A busca pela palavra rara, sempre usada com exatidão

POR ANA MARIA MACHADO | O GLOBO, 19/07/2014

Passei a sexta-feira desolada com a notícia da morte do meu amigo João Ubaldo Ribeiro. De noite, percebi que o tempo todo ainda estava falando dele no presente: o João tem uma coragem rara, o João é divertidíssimo, o João nunca se intimida com os poderosos, o João fala um inglês perfeito imitando sotaques variados, o João tem um rigor ético que está cada vez mais difícil de se encontrar, o João conhece o idioma como poucos, o João vai buscar cada palavra rara e a usa com exatidão...

É assim por diante. Sempre no presente, como se ele estivesse aqui do lado, a me chamar de Aninha ou esperando que eu chegasse para me sentar à sua mesa num botequim do Leblon. É que, para os amigos, vai ser muito difícil aprender a pensar nele no passado, com um *nunca mais* explícito.

Os leitores, porém, podem ter a alegria de ler e releu o que ele escreveu - e, por esse lado, agradeço a sorte de ser sua leitora e admiradora há muitos anos, e poder voltar a seus

textos quantas vezes queira. Porque João Ubaldo Ribeiro é um grande escritor. Um dos maiores da língua portuguesa, de todos os tempos. Mas como nunca se preocupou em fazer vidinha literária, ou jogadas de marketing, nem teve o cuidado de procurar estar no lugar certo, sob o holofote ligado, na companhia célebre, e na hora conveniente para os fotógrafos, muitas vezes não foi devidamente avaliado por quem se acostumou a julgar escritor por outras características que não sejam a qualidade do texto. Nos últimos anos, acabou sendo mais conhecido como o ótimo cronista que também foi, deixando em segundo plano o magnífico ficcionista que nos deu obras-primas como "Viva o povo brasileiro" ou "Sargento Getúlio". Mas acho que, de todos os livros, meu preferido é um dos mais recentes, "O albatroz azul", que recomendo a todos. Um belíssimo romance sobre a vida e a morte, ao mesmo tempo lírico e filosófico, leve e profundo. Desses que ficam para sempre na memória do leitor.



Exposição Incontáveis - Bienal SP

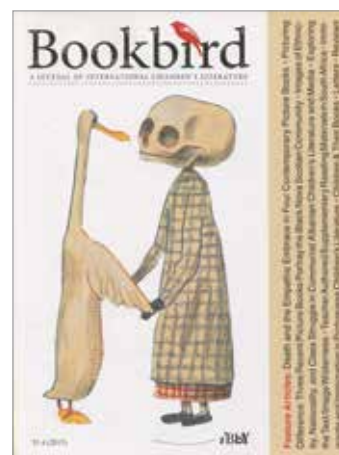
Brasil: Incontáveis Linhas, Incontáveis Histórias na Bienal do Livro de São Paulo

A exposição apresentada pelo Brasil como país homenageado na Feira de Bolonha de 2014, *Brasil: Countless Threads, Countless Tales - Brasil: Incontáveis Linhas, Incontáveis Histórias* teve espaço na 23ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que aconteceu entre os dias 22 e 31 de agosto, no Pavilhão de Exposições do Anhembi. Com curadoria da FNLIJ e da FBN, responsáveis pela seleção das 55 ilustrações apresentadas, a exposição estava localizada no Espaço Imaginário, na parte central da Bienal, encantando também o público adulto.

Bookbird – Revista do IBBY sobre literatura para crianças e jovens

Você conhece a revista Bookbird, do IBBY sobre LIJ? É uma publicação trimestral editada pelo IBBY desde 1963, em inglês, direcionada a toda comunidade de leitores interessados em livros infantis. Além de apresentar artigos de pesquisadores, estudiosos sobre literatura infantil e juvenil internacional, o Bookbird divulga as ações e projetos do IBBY, prêmios de literatura infantil e programas de promoção da leitura em todo o mundo. A editoria também inclui questões temáticas e convida os interessados à apresentação de manuscritos no site do IBBY.

Para informações sobre assinatura acesse o site www.press.jhu.edu/journals/bookbird/



movimento por um Brasil literário
m **B** *Brasil* *lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais

Eu QUERO MINHA BIBLIOTECA

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

Começaram os preparativos para o 17º Salão FNLIJ 2015

Os estandes já foram sorteados pelas editoras e os espaços estão praticamente ocupados. São 58 editoras que garantiram seu lugar no pavilhão do Centro de Convenções SulAmérica: Ática, Autêntica, Berlendis, Bertrand Brasil, Biruta, Brinque-Book, Ciranda Cultura, Companhia das Letrinhas, Cortez, Cosac Naify, DCL, DSOP, Edelbra, Edições SM, Ediouro, Editora 34, Editora do Brasil, Escala Educacional, Escarlata, Escrita Fina, FTD, Geração Editorial, Girassol, Global, Manati, Globo, Hedra, IBEP-Nacional, Intrínseca, Jorge Zahar, José Olympio, Jovem, L&PM, La Fonte, Martins Fontes, Melhoramentos, Moderna, Mundo Mirim, Nova Fronteira, Panda Books, Paulinas, Paulus, Paz e Terra, Peirópolis, Planeta do Brasil, Positivo, Projeto, Pulo do Gato, Record, Rocco, Rovel, Salamandra, Saraiva, Scipione, Sextante, Stamppa, Verus e WMF Martins Fontes.

Não perca, marque um encontro com o livro e a literatura infantil e juvenil no 17º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, de 10 a 21 de junho de 2015!

SALÃO FNLIJ DO LIVRO PARA CRIANÇAS E JOVENS

PROGRAME-SE!

10 A 21 DE JUNHO DE 2015

Centro de Convenções SulAmérica

Av. Paulo de Frontin, 1 - Cidade Nova
Rio de Janeiro - RJ

RESERVAS E INFORMAÇÕES

e-mail: visitacaoescolar@fnlij.org.br

tel. 21 2215-3408 | 2262-9130

realização



FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE - **iBbY**

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafontes Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Hedra Educação Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Ed.; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Ozé Editora Ltda EPP; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; Pinakothek Arte Ltda; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiro e Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda - Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017 Conselho Curador:** Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Renata Farhat Borges, Silvia Negreiros e Wander Soares; **Conselho Diretor:** Isis Valéria (Presidente), Ana Lígia Medeiros e Marisa de Almeida Borba; **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; **Suplentes:** Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Leonardo Chianca, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Silvia Gandelman; **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Biblioteca 4

41ª SELEÇÃO ANUAL DO PRÊMIO FNLIJ 2015 | PRODUÇÃO 2014

ABACATTE

- Cinco sentidos e outros.** Roseana Murray. Il. Elvira Vigna
- Um casório na lua.** Neusa Sorrenti. Il. Simone Matias
- Rita tem medo.** Christian David. Il. Rogério Coelho

ÁTICA

- O espelho: uma brincadeira de gente grande.** Carolina Michelin, Michele Iacocca

AUTÊNTICA

- ABCenário.** Leo Cunha. Il. Alex Kutkus
- Avantesmas: 13 histórias clássicas de fantasmas.** Claudio Blanc. Il. Kako
- Bobagens anônimas: um enigma para exército do Condomínio Pérola.** Lauro Elme. Il. Rogério Borges
- O carvalho falante.** George Sand. Trad. Dorothee de Bruchard. Il. Rogério Borges
- O chefão lá do morro.** Otávio Júnior. Il. Angelo Abu
- Histórias no varal: três cordéis de romance e aventura.** João Melquíades Ferreira da Silva e Francisco das Chagas. Org. Cristina Antunes. Il. Ciro Fernandes
- Kim.** Rudyard Kipling. Trad. Maria Valéria Rezende. Il. J. Lockwood Kipling
- Lima Barreto por jovens leitores.** Org. Fernanda Freitas e Wagner Amaro
- O livro dos grandes opostos filosóficos.** Oscar Brenifier. Trad. Beatriz Magalhães. Il. Jacques Després
- O livro dos grandes opostos psicológicos.** Oscar Brenifier. Trad. Beatriz Magalhães. Il. Jacques Després
- Memórias de um burro.** Condessa de Ségur. Trad. Vera Chacham. Il. H. Castelli
- Nós 4.** João Anzanello Carraschoza e Vivina de Assis Viana. Il. Christiane Costa
- Quem conta um conto aumenta um ponto: histórias criadas a partir de ditos populares.** Bel Assunção Azevedo. Il. Sônia Magalhães
- Retratos da cidade.** Org. Adriano Macedo
- Shakespeare e elas: Clássicos do grande Bardo reescritos por elas.** Lycia Barros, Janaina Vieira e Laura Conrado

BIRUTA

- Águas Emendadas.** Rubens Matuck. Il. Rubens Matuck
- O dia em que b apareceu.** Milu Leite. Il. Sérgio Magno
- O gigante do Maracanã.** Cesar Cardoso. Il. Larissa Ribeiro
- Morada das lembranças.** Daniella Bauer
- Piscina já!** Luiz Antonio Aguiar. Il. Tiago Lacerda
- Primavera.** Oskar Luts. Trad. Paulo Chagas de Souza. Il. Sandra Jávera
- O que eu vi por aí.** Cyro de Mattos. Il. Marta Ignerska
- Quissama: o império dos capoeiras.** Maicon Tenfen. Il. Rubens Belli

BRINQUE-BOOK

- Apenas Um é diferente! Você consegue encontrar?** Britta Teckentrup. Trad. Gilda de Aquino. Il. Britta Teckentrup
- Conte uma história, Estela.** Marie-Louise Gay. Trad. Gilda de Aquino. Il. Marie-Louise Gay
- Eu.** Janaina Tokitaka. Il. Janaina Tokitaka
- Eu te amo também.** Stephen Michael King. Trad. Gilda de Aquino. Il. Stephen Michael King
- Eu voltei!** Geoffroy de Pennart. Trad. Gilda de Aquino. Il. Geoffroy de Pennart
- O livro errado.** Nick Bland. Trad. Gilda de Aquino. Il. Nick Bland
- Margô e a raposa.** Men Fox. Trad. Gilda de Aquino. Il. Patricia Mullins
- Não é sua, é minha!** Susanna Moores. Trad. Gilda de Aquino. Il. Susanna Moores
- Olívia e o grande segredo.** Tor Freeman. Trad. Gilda de Aquino. Il. Tor Freeman
- Ringo e a nova vizinha.** Gail Page. Trad. Gilda de Aquino. Il. Gail Page
- Três tigres tristes.** Fernando Vilela e Nina Barbieri. Il. Fernando Vilela
- O urso e a árvore.** Stephen Michael King. Trad. Gilda de Aquino. Il. Stephen Michael King
- O urso rabugento.** Nick Bland. Trad. Gilda de Aquino. Il. Nick Bland

CARAMELO

- José Fipps.** Nadine Robert. Trad. Maria Amália Camargo. Il. Geneviève Godbout

1ª relação de livros enviados pelas editoras (total: 261 títulos)

- Petúnia.** Roger Duvoisin. Trad. Mila Dezan. Il. Roger Duvoisin
- Pomelo cresce.** Ramona Badescu. Trad. Richard Sanches. Il. Benjamin Chaud

CLARO ENIGMA

- O planeta dos sábios: enciclopédia de filósofos e filosofias.** Charles Pépin. Trad. Julia da Rosa Simões. Il. Jul

COMPANHIA DAS LETRAS

- As barbas do imperador: D. Pedro II, a história de um monarca em quadrinhos.** Spacca, Lilia Moritz Schwarcz. Il. Spacca
- Bom de briga.** Paul Pope. Trad. Daniel Pellizzari

COMPANHIA DAS LETRINHAS

- Abril, o peixe vermelho.** Marjolaine Leray. Trad. Júlia Moritz Schwarcz. Il. Marjolaine Leray
- As aventuras de Pedro Coelho.** Beatrix Potter. Trad. Eduardo Bueno. Il. Beatrix Potter
- Barrigão no chão.** Trad. Mell Brites
- O bicho alfabeto.** Poemas de Paulo Leminski. Apresent. Arnaldo Antunes. Il. Zivaldo
- 1 dribble, 2 dribles, 3 dribles: manual do pequeno craque cidadão.** Marcelo Rubens Paiva. Il. Jimmy Leroy
- Ghaddar, o Demônio e outros contos palestinos.** Recontado por Sonia Nimr. Trad. Érico Assis. Il. Hannah Shaw
- História de Mix, Max e Mex.** Luis Sepúlveda. Trad. Eduardo Brandão. Il. Noemí Villamuza
- Impressão das coisas.** Mirella Marino e Renata Bueno. Il. Mirella Marino e Renata Bueno
- A jornada de tarô.** Dosho Saikawa. Adapt. e Trad. Heloísa Prieto. Il. Dosho Saikawa
- A máquina de histórias.** Tom McLaughlin. Trad. Eduardo Brandão. Il. Tom McLaughlin
- Max, o corajoso.** Ed Vere. Trad. Eduardo Brandão. Il. Ed Vere
- Minimaginário de Andersen.** Apresent. e Adapt. Kátia Canton. Il. Salmo Dansa
- Os mundos de Teresa.** Marcelo Romagnoli. Il. Carlo Giovani
- Pedro carteiro.** Baseado nas histórias originais de Beatrix Potter. Trad. Eduardo Brandão

Quando Blufis ficou em silêncio. Contado por Lorena Nobel, Gustavo Kurlat e Marina Faria. Il. Marina Faria

O que eu posso ser? Mariana Zanetti e Silvia Amstalden

(Quem contou?): crianças estranhas, bichos sensíveis e cachorros problemáticos. Dilea Frate. Il. Laerte

O xixi da Lulu: um livro com abas e texturas para quem quer dar tchau às fraldas. Camilla Reid. Trad. Julia Moritz Schwarcz. Il. Ailie Busby

Zoo zoado. Fabricio Corsaletti. Il. Guazzelli

COMPOR

A bruxa Jezibaba e a menina bordadeira. Fábio Sombra. Il. Sabina Sombra

COSAC NAIFY

O alfabeto dos pássaros. Nuria Barrios. Trad. Carla Branco. Il. Catarina Bessell

Cantiga. Blexbolex. Trad. Alexandre Barbosa de Souza e Érika Nogueira Vieira. Il. Blexbolex

O carrinho da madame miséria: uma história cruel. Lise Mélinand. Trad. Tales A. M. Ab'Sáber. Il. Lise Mélinand

A chácara da rua Um. Carlos Lébeis. Il. João Fahrion

A família Mobília. Tatiana Blass. Il. Tatiana Blass
Mary Poppins. P. L. Travers. Trad. Joca Reiners Terron. Posfácio Sandra Guardini T. Vasconcelos. Il. Ronaldo Fraga

Um milhão de borboletas. Edward van de Vendel. Trad. Lucrecia Zappi. Il. Carl Cneut

A parte que falta encontra o grande O. Shel Silverstein. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. Il. Sheil Silverstein

Pela casa se conhece o dono. Didier Cornille. Trad. Bernardo Ajzenberg. Il. Didier Cornille

Pelo Nariz. Arthur Nestrovski. Il. Marcelo Cipis

Planeta quente. Sandrine Dumas Roy. Trad. Flávia Varella. Il. Emmanuelle Houssais

Ter um patinho é útil; Ter um menino é útil. Isol. Trad. Emílio Fraia. Il. Isol

Super Zeróis. Marcelo Cipis. Il. Marcelo Cipis

DCL

Alice vê. Sônia Rosa. Il. Luna

A galinha ruiva. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen. Il. Ingrid Biesemeyer Bellinghausen

Um elefante se balança... Marianne Dubuc. Trad. Dorothée de Bruchard e Lara de Bruchard Costa. Il. Marianne Dubuc

Noite na Taverna. Álvares de Azevedo. Adapt. Carlos Patati. Il. Marcio de Castro, Eduardo Arruda, Klayton Luz, Lucas e Klaus Reis

DSOP

Amanhecer Esmeralda. Ferréz. Il. Rafael Anton

Futeboláda. José Santos. Il. Eloar Guazzelli

EDIÇÕES BESOURO BOX

Céu de um verão proibido. João Pedro Roriz. Il. Marco Cena

Diamante bruto. Rosana Rios & Eliana Martins. Il. Marco Cena

Olhos de cão. Juarez Souza. Il. Marco Cena

Padrão 20: A ameaça do espaço-tempo. Simone Saueressig

Minuano. Tabajaras Ruas

EDITORA 34

Limeriques estapafúrdios. Tatiana Belinky. Il. Catarina Sobral

Ora, pílulas! Tatiana Belinky. Il. Veridiana Scarpelli

Quadrinhas. Tatiana Belinky. Il. Yara Kono

ESCARLATE

A árvore: os três caminhos. Janaina Tokitaka. Il. Janaina Tokitaka

Elias e a vovó que veio do ovo. Iva Procházková. Trad. José Feres Sabino. Il. Marion Goedelt

A lenda do violeiro invejoso. Fábio Sombra. Il. Fábio Sombra

O segundo para sempre. Colin Thompson. Trad. Heloísa Prieto

O segredo da chave do esqueleto. Penny Warner. Trad. Regina Dell'Aringa

Vulgar, o viking, e a excursão escolar assustadora. Odin Barba-Ruiva. Trad. Alexandre Boide. Il. Sarah Horne

ESCRITA FINA

Um conto quadrado e redondo. Laura Bergallo. Il. Camilla Carrossine

Do mar. Mirna Brasil Portella. Il. Laurent Cardon

Era uma vez na floresta: três mitos indígenas. Maria Inez do Espírito Santo. Il. Luciana Grether Carvalho

A história do pingo. Sônia Travassos. Il. Anielizabeth

O jaguncinho: lendas da Coluna Prestes. Flávia Portela. Il. Lu Martins

Meu primeiro livro de horror. Mario Bag. Il. Mario Bag

A oca e a toca. Lúcia Bettencourt. Il. Fernanda Morais

Odemar. Anna Cláudia Ramos. Il. Camilla Carrossine

Passos no porão. Maria Clara Cavalcanti. Il.

Luis Silva

Qual é a sua turma? Alina Perlman. Il. Amanda Blois

Quando a lua ficou cor-de-rosa. Lou Fernandes. Il. Carolina Kaastrup

Zabelinha. Carlota Rios, Maria Clara Cavalcanti. Il. Bruna Assis Brasil

FAROL

Assassinatos na Rua Morgue. Edgar Allan Poe. Adapt. Carl Bowen. Trad. Cassius Medauar. Il. Emerson Dimaya

GAIVOTA

A camisa amarela da seleção brasileira. Gilson Yoshioka, Myriam Chinalli. Il. Rafael Anton

Cantos para meus netos. Poemas de Victor Hugo. Trad. e Org. Marie-Hélène C. Torres. Il. Laurent Cardon

Como encontrar uma linda princesa. Ricardo Viveiros. Il. Alexandre Rampazo

Inácio o cantador-rei de Catingueira. Arlene Holanda. Il. Alexandre Teles

GIRASSOL

Medo de quase nada. Gudrun Likar. Trad. Hedi Gnaedinger. Il. Manuela Olten

Uma ovelha negra feliz da vida. Nadia Malverti. Trad. Hedi Gnaedinger. Il. Manuela Olten

GLOBAL

A arca dos marechais. Marcos Rey. Il. Lelis

Um cadáver ouviu rádio. Marcos Rey. Il. Dave Santana

Cadê meu cabelo? Dave Santana. Il. Dave Santana

Cacho de histórias. Mary França. Il. Eliardo França

É gol: torcida amiga, boa tarde! Ignácio de Loyola Brandão. Il. Orlando Pedroso

Em busca do manuscrito da natureza. Evandro Vieira e Bárbara Stella. Il. Gian Calvi

Os homens do futuro. Marcos Rey

O jabuti na roça. Mary França. Il. Lucas França

O macaco. Mary França. Il. Lucas França

A revolta. Edla Van Steen. Il. Marcelo Cipis

Sai da lama jacaré. Graça Lima

O último mamífero do Martinelli. Marcos Rey. Il. Soud

A venda. Lúcia Hiratsuka. Il. Lúcia Hiratsuka

GLOBO

Aventuras de Alice no país das maravilhas. Lewis Carroll. Trad. Vanessa Barbara. Il. Yayoi Kusama

As aventuras do gato Marquês. Ieda de Oliveira. Il. Lúcia Brandão

Carteiro tem nome? Anna Cláudia Ramos. Il. Anielizabeth

O corvo e o dragão. Alexandre de Castro Gomes. Il. Cris Eich

História das invenções. Monteiro Lobato. Il. Fernando Arcon

O livro das religiões. Trad. Bruno Alexander

O medo que mora embaixo da cama. Mariza Tavares. Il. Nina Millen

Missão Moleskine. Stella Maris Rezende. Il. Adilson Farias

Molicha. Luiz Raul Machado e Ricardo Benevides. Il. Orlando Pedroso

Olivia não quer ser princesa. Ian Falconer. Trad. Silvana Salerno. Il. Ian Falconer

Passariques do meu quintal. Blandina Franco. Participação especial Tatiana Belinky. Il. José Carlos Lollo

A poesia da primeira vez. Stella Maris Rezende. Il. Laurent Cardon

Reinações de Narizinho. Monteiro Lobato. Il. Jean Gabriel Villin, J. U. Campos

Serões de Dona Benta: física e astronomia. Monteiro Lobato. Il. Roberto Fukue

1889: como um imperador cansado, um marechal vaidoso e um professor injustiçado contribuíram para o fim da Monarquia e a Proclamação da República no Brasil. Laurentino Gomes. Il. Rita Bromberg Brugger

GRAPHIA

Maurício ou A cabana do pescador. Mary Shelley. Trad. Luciana Viégas

GRYPHUS

Escrevendo com o coração: como escrever para crianças. Joy Cowley. Trad. Gilson B. Soares

Na bateria da escola de samba. Leandro Braga. Consultor Técnico Mangueirinha. Il. Axel Sander

GUTTENBERG

Diário de classe: a verdade: a história da menina que está ajudando a mudar a educação no Brasil. Isadora Faber

Então, conheci minha irmã: a morte se separou, um diário as uniu. Christine Hurley Deriso. Trad. Cristina Calderini Togenelli

Os escolhidos de Gaia: não venha para o mundo perfeito. Marcela Mariz. Trad. Santiago Nazarian

A menina que colecionava borboletas. Bruna Vieira. Il. Malena Flores

ILUMINURAS

Contos de amor, de loucura e de morte. Horacio Quiroga. Trad. e Apresent. Wilson Alves-Bezerra. Il. Carlos Clímen

Eram todos camisa dez. Luiz Guilherme Piva. Apresent. Juca Kfoury

Menina também joga futebol. Cláudia Maria de Vasconcellos. Il. Eder Cardoso

LÊ

Exercícios de amor. Roseana Murray. Il. Patrícia Rezende

Feliz e orgulhoso, envaidecido mesmo. Nani. Il. Nani

Garimpo. Líria Porto. Il. Silvana de Menezes

Mestre Lisboa: o Aleijadinho. Nelson Cruz. Il. Nelson Cruz

O tempo quase. Henrique Schneider

MELHORAMENTOS

Amor... perdidos e achados: de como as borboletas no estômago me livram daquela dor. Januária Cristina Alves. Il. Sônia Magalhães

O Brasil no papel em poesia de cordel. Fábio Sombra. Il. Maurício de Souza

A cor da noite. Hélène Kérillis. Trad. Maria Alice Sampaio Doria. Il. Vanessa Hié

A coruja, o gato e os filhotes. Edward Lear. Trad. Cecília Furquim. Il. Edith Derdyk

Desafios musicais. Ana Tatit e Maristela Loureiro. Il. Ana Tatit

Eu, a princesa Margarida. Christine Beigel. Trad. Maria Alice Sampaio Doria. Il. Xavière Devos

Uma estranha invenção para Valentim. Géraldine Elschner. Trad. Maria Alice Sampaio Doria. Il. Rémi Saillard

Feio, bonito. Anna Muylaert. Il. Mig

Festa do pijama. Anna Muylaert. Il. Mig

Florestas por que precisamos delas. Crsitina Rappa. Il. Edu A. Engel

A grande onda. Véronique Massenet. Trad. Maria Alice Sampaio Doria. Il. Bruno Pilorget

O pinguim de geladeira, a preguiça e a energia: uma fábula visual sobre o uso consciente de energia elétrica. Sérgio Merli. Il. Sérgio Merli

O príncipe Jacu. Angela Lago

Tarsilinha e as cores. Patrícia Engel Secco e Tarsilinha do Amaral. Il. Chris Alhadeff

Tarsilinha e as formas. Patrícia Engel Secco e Tarsilinha do Amaral. Il. Chris Alhadeff

Os três músicos: Pablo Picasso. Véronique Massenet. Trad. Maria Alice Sampaio Doria. Il. Vanessa Hié

Você e suas escolhas - Para garotas. Antonio Carlos Vilela. Il. Maurício de Souza

Você e suas escolhas - Para garotos. Antonio Carlos Vilela. Il. Maurício de Souza

NEMO

Ayrton Senna: A trajetória de um mito. Lionel Frissart. Trad. Fernando Scheibe. Il. Christian Papazoglakis e Robert Paquet

Garfield. Jim Davis. Trad. Ana Cristina Rodrigues

A lara, uma lenda indígena em quadrinhos. Silvano

A luta contra Canudos. Daniel Esteves. Il. Jozz e Akira Sanoki

Wáluk. Emilio Ruiz. Trad. Fernando Scheibe. Il. Ana Miralles

OZÉ

Sete orelhas. Silvinha Meirelles. Il. Tereza Meirelles e arte de Nina Meirelles

PANDA BOOKS

Bem bolado: a história, a geografia, a matemática, as artes e as ciências por trás do futebol. Fátima Mesquita. Il. Gilberto Valadares e Junião

Futebol: arte dos pés à cabeça. Renata Sant'anna

Kunumi guarani. Werá Jeguaka Mirim. Il. Gilberto Miadeira

Lico e Leco – Invenções. Aino Havukainen e Sami Toivonen. Trad. Pasi e Lília Loman. Il. Aino Havukainen e Sami Toivonen

Lico e Leco – Profissões. Aino Havukainen e Sami Toivonen. Trad. Pasi e Lília Loman. Il. Aino Havukainen e Sami Toivonen

A princesa e o pescador de nuvens. Alexandre Rampazo. Il. Alexandre Rampazo

O resgate da tartaruga. Guilherme Domenichelli. Il. Vanessa Prezoto

O segredo do disco perdido: uma aventura ao som do Clube da Esquina. Caio Tozzi e Pedro Ferrarini. Il. Leandro Oliveira

Vovô não gosta de gelatina. Manuel Filho. Il. Mathias Townsend

PAPIRUS

Livro para voar. João Proteti. Il. Hélio Leites

Os sete arcos de Íris. Heloísa Prieto. Il. Jan Limpens

PAULINAS

O arquiteto das casas de sonhos. Sandra Branco. Il. Carmen Thiago

Beleléu e as palavras. Patrício Dugnani. Il. Patrício Dugnani

Belizbel. Luciano Pontes. Il. Luciano Pontes
Borbofante. Angela Leite de Souza. Il. Odilon Moraes
Cada galho com seu macaco. Silvio Costta. Il. Liza Petiz
Édipo Rei. Sófocles. Contado por José Carlos Aragão. Il. Daniel Araujo
O gato. Bartolomeu Campos de Queirós. Il. Anelise Zimmermann
Maria a incorrigível. Júlio Emílio Braz. Il. Soud
Mira Shendel: atravessura. Renata Sant'anna e Valquíria Prates
Os músicos de Bremen. Adapt. e design Bia Villela
Novelas exemplares de Miguel de Cervantes. Rosa Navarro Duran. Trad. Eduardo Cezar Maretti. Il. Francesc Rovira
Pedro da praia. Luciana Rigueira. Il. Elisabeth Teixeira
Sapatos trocados: como o tatu ganhou suas grandes garras. Cristino Wapichana. Il. Mauricio Negro
O reizinho comilão. Fê. Il. Fê

PAULUS

Causos do Sul: mentiras que são pura verdade. Lisana Bertussi. Il. Mateus Rios
Luiz Iua Gonzaga estrela: o rei do baião. Dílvia Ludvichak. Il. Simone Matias
Ubaldo VI, o urubu-rei. Alexandre Azevedo. Il. Raoni Xavier

PEIROPÓLIS

A contradição humana. Afonso Cruz. Il. Afonso Cruz
Eu só só eu. Ana Saldanha. Il. Yara Kono
Folclore de chuteiras. Alexandre de Castro Gomes. Il. Visca
O incrível álbum de Picolina, a pulga viajante. Laura Erber e Maria Cristaldi
Num tronco de Iroko vi a lúna cantar. Erika Balbino. Il. Alexandre Keto
A secretescrita e o desafio decifradórico. Francisco Marques Vírgula Chico dos Bonecos. Il. Joana Resek
Simbad, o marujo. Alaíde Lisboa de Oliveira. Il. Angelo Abu
Rimas de lá e de cá. José Jorge Letria e José Santos. Il. Yara Kono

PEQUENA ZAHAR

Os mistérios de Mila. Flávia Lins e Silva
Diário de Pilar em Matchu Picchu. Flávia Lins e Silva. Il. Joana Penna
O leão filósofo, Serafim e outros bichos. Marlene de Castro Correia. Il. Marina Papi
Livros. Murray McCain. Trad. Rodrigo Lacerda e Mauro Gaspar. Il. John Alcorn
Na floresta. Anthony Browne. Trad. Clarice Duque Estrada. Il. Anthony Browne
Orie. Lúcia Hiratsuka. Il. Lúcia Hiratsuka
Simbá, o Marujo. Adapt. Gudule. Trad. Ricardo Lísias. Il. Quentin Gréban
O voo de Vadinho. Álvaro Faleiros e Fernando Vilela
Vozes no parque. Anthony Browne. Trad. Clarice Duque Estrada. Il. Anthony Browne
1, 2, 3, estrelas! Contando na natureza. Anne-Sophie Baumann. Trad. André Telles. Il. Anne-Lise Boutin

ROCCO

Bruxa: um feriado assombroso na floresta. André Vianco. Il. Santtos
Cabelos arrepiados. Karen Acioly
Implacáveis. Sara Shepard. Trad. Fal Azevedo
Jardim do pesadelo. Caitlin Kittredge. Trad. Chico Lopes

ROVELLE

Bandolim. Leny Werneck. Il. Guto Lins
Boca de dragão. Flávia Lins e Silva. Il. Mariana Massarani
Cachorro-quente na casa da gente. Marcia Kupstas. Il. Girotto & Santana
Eros e Psique: A alma apaixonada. Carlos Alberto de Carvalho. Il. Rafael Nobre
Eu contra ele nas cavernas de Minas. Joel Rufino dos Santos. Il. Samuel Casal
Um mar de gente. Ninfa Parreiras. Il. Suppa
A menina que descobriu o segredo da Bahia. Joel Rufino dos Santos. Il. Mario Bag
Um menino chamado Asterisco. Luís Pimentel. Il. Maurizio Manzo

SCIPIONE

O mistério do Capiongo. Joaquim de Almeida. Il. Joaquim de Almeida

SEGUINTE

O alcapão. Lisa MacMann. Trad. Alexandre Boide
Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo. Benjamin Alire Sáenz. Trad. Clemente Pereira
Contos da Seleção: O príncipe e o guarda. Kiera Cass. Trad. Cristian Clemente
Contos e lendas dos grandes enigmas da história. Gilles Massardier. Trad. Julia da Rosa Simões. Il. Vicent Rio
A escolha. Kiera Cass. Trad. Cristian Clemente
O feitiço azul. Richelle Mead. Trad. Guilherme Miranda
Fique onde está e então corra. John Boyne. Trad. Henrique de Breia e Szolnoky
A garota certa. Ali Cronin. Trad. Rita Sussekind
Ring: A maldição dos ancestrais. Matt de La Peña. Trad. Alexandre Boide
O tesouro da Encantadora. Caroline Carlson. Trad. Ricardo Gouveia
Tormento. John Boyne. Trad. Carlos Alberto Bárbaro

TORDESILHINHAS

As aventuras do Capitão Pirata da Barba Verde. Cláudia Neufeld. Trad. Thais Tamaoki. Il. Maisa Shigematsu
Olhe, por favor, não viu uma luzinha piscando?; Corra coelhinho, corra. Bernardo Carvalho

WMF MARTINS FONTES

O cavalampiro. Ilan Brenman. Il. Valeria Gallo
WS EDITOR
Minha avó tecia o livro. Pablo Morenno. Il. Carla Furlanetto e Maria Helena Furlanetto

ZAHAR

As aventuras de Robin Hood. Alexandre Dumas. Tradução e Apresentação. Jorge Bastos
Tarzan: o filho das selvas. Edgar Rice Burroughs. Tradução e Apresentação. Thiago Lins. Il. Hal Foster



ENCARTE NOTÍCIAS 9 | SETEMBRO 2014

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Os dados de catalogação dos livros relacionados estão disponíveis para pesquisa no site:

<http://biblioteca.fnlij.org.br:81/pergamum/biblioteca/>